

A produção audiovisual como instrumento metodológico da aprendizagem

The audiovisual production as a methodological learning tool

La producción audiovisual como instrumento metodológico del aprendizaje

Laiany Rose Souza Santos¹
Sayonara do Espírito Santos Almeida²

Resumo: Este trabalho discorre sobre a produção do conhecimento nas séries finais do ensino fundamental, em que as/os estudantes formularam as aulas através da criação de material audiovisual, sendo que para tal foi necessário a pesquisa, realização de atividades escritas, jogo interativo (Reciclamundo), construção de uma proposta inicial e gravação. O objetivo desse artigo é mostrar como os discentes aprenderam sobre o consumismo na sociedade capitalista, a produção de lixo e a necessidade da reciclagem, sendo protagonistas do processo. Com o uso resignificado de elementos que estão no cotidiano e causam dispersão em sala de aula, pôde-se utiliza-los como parte da própria aula, reconduzindo a um processo de ensino aprendizagem mais flexível, com o uso das tecnologias disponíveis que ultrapassam os limites da sala de aula, levando-as/os a serem responsáveis pela construção do seu conhecimento. Como resposta a aplicação dessa metodologia houve maior envolvimento e aprendizagem sobre os temas.

Palavras-chave: Consumismo. Reciclagem. Audiovisual

Abstract: *This paper talks about knowledge production in the early grades on secondary school, in which the students have planned classes through audiovisual material creation, whereby they have to research, perform writing activities, interactive game (Reciclamundo), build an initial proposal and record. This paper aims to show how the students learned about consumerism in capitalist society, the waste production and the recycling necessity, acting as process protagonists. It was possible to use the elements that are in daily life and cause dispersion in the classroom redefining its use, making them part of the class itself, leading the students to a more flexible teaching-learning process, using available technologies beyond the boundaries of the classroom, what lead them to be responsible for their own knowledge construction. As a response to this methodology application there was greater involvement and learning about the themes.*

Keywords: *Consumerism. Recycling. Audiovisual.*

En este trabajo se discute la producción de conocimiento en cursos finales de la educación secundaria, donde los estudiantes formulan las lecciones a través de la creación de material audiovisual, y para ello

¹ Mestra em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGEO). Universidade Federal de Sergipe (UFS). laiany.santos@gmail.com

² Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED/UFS). sayonaralmeida@hotmail.com

fue necesario la investigación, la realización de actividades escritas, juego interactivo (Reciclamundo), la construcción de una propuesta inicial y la grabación. El objetivo de este artículo es mostrar cómo los estudiantes aprendieron sobre el consumismo en la sociedad capitalista, la producción de residuos y la necesidad de reciclaje, siendo protagonistas del proceso. Con el uso resignificando de elementos que se encuentran en la vida cotidiana y causan dispersión en el aula, se puede utilizar como parte de la clase, lo que conlleva a un proceso de enseñanza aprendizaje más flexible, utilizando las tecnologías disponibles que ultrapasan los límites del aula, llevándolas/los a ser responsables de la construcción de su conocimiento. En respuesta a la aplicación de esta metodología hubo mayor participación y aprendizaje sobre los temas.

Palabras clave: Consumismo. Reciclaje. Audiovisual

Introdução

Pensando na realização de uma atividade que envolvesse os estudantes a partir da sua realidade e dos aparelhos que são considerados, em muitos casos, “problemas” na sala de aula, como os diversos telefones celulares cada vez mais sofisticados, a criação audiovisual tornou-se uma possibilidade de aprendizagem, que apesar de não ser algo novo ainda encontra muitos entraves em seu uso no cotidiano escolar.

Esse trabalho relata uma experiência realizada em sala de aula, com estudantes do 7º ano do ensino fundamental, como instrumento metodológico para a discussão da sociedade capitalista que baseia suas relações sociais na condição do ser humano de consumir. O consumo é o coração do capitalismo, que visa manter os produtos circulando baseados na obsolescência - que nada mais é que uma armadilha dessa sociedade para efetivar o processo de produção-circulação-distribuição-consumo. A lógica da obsolescência é fazer com que o tempo entre produção e consumo seja cada vez mais curto.

Refletindo sobre esse processo, surgiram questionamentos da própria turma sobre como isso ocorre no cotidiano, o que tornou a pesquisa indispensável para que os mesmos formassem suas opiniões sobre os temas. O que se relaciona com o processo de ensino aprendizagem de Freire no qual todas as pessoas aprendem juntas e segundo o qual "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1981, p.79).

Para o processo de aprendizagem utilizaram-se diferentes linguagens, seja oral, visual e/ou sonora com o objetivo de compreender a realidade pensando espaço e tempo cabíveis de serem analisados principalmente por meio da metodologia da produção

audiovisual, mas também de outros métodos que serão explicadas no decorrer deste trabalho.

Embora o diálogo do audiovisual na escola em disciplinas como a Geografia e a História que destacaremos neste artigo, ainda seja tímido compreende-se a importância de incentivá-lo. Como afirma Ramos Filho (2008, p. 9), podemos observar que o tempo e o espaço lhe são categorias comuns e centrais. Na Geografia, o espaço geográfico é o cerne do debate. Na expressão fílmica o espaço ultrapassa as dimensões materiais da tela e forja ou (re)apresenta o espaço que (a)parece próximo do real.

O espaço, objeto de estudo da Geografia, e o tempo, objeto de estudo da História serão expressos de forma interdisciplinar no processo de construção do conhecimento por meio da produção audiovisual. Presume-se que utilizar dois elementos da realidade dos estudantes proporcionou a relação entre novas linguagens e novas metodologias, conduzindo a justapor a escola e a sociedade e então novas formas de pensar o mundo e sua relação social.

Relação de consumo

O consumo inalienável ao ser humano está relacionado a consumir aquilo que lhe é necessário para realização da vida (e por realização da vida compreendemos que vai muito além de satisfazer as necessidades básicas) aos produtos do trabalho humano na forma de valor de uso. Entretanto, no capitalismo ele “assume essencialmente a forma de consumo de mercadorias” (BOTTOMORE, 2012, p. 116), respondendo às necessidades, historicamente determinadas.

Segundo Bottomore (2012, p. 117):

o consumo capitalista, portanto, relaciona-se cada vez mais com a produção capitalista. Isso envolve tanto uma ampliação na esfera de consumo como uma deterioração potencial de sua qualidade e implica, em qualquer caso, uma crescente manipulação do consumidor pelas empresas capitalistas nas esferas da produção, da distribuição e da publicidade.

Essa manipulação foi compreendida como a obsolescência que apesar de ser analisada por diferentes tipos foi trabalhada em sala de aula como programada ou planejada e perceptiva. A obsolescência planejada é uma estratégia para que o volume de vendas seja constantemente alto, reduzindo o tempo entre a produção e o consumo. Dessa forma, os

produtos já são criados para terem determinado tempo de uso até começarem a dar defeitos e precisarem ser trocados. O capitalismo não quer a produção de bens duráveis e reutilizáveis e como afirma Padilha e Bonifácio (2013, s/d) na sociedade de consumo, as estratégias publicitárias e a obsolescência planejada mantêm os consumidores presos em uma espécie de armadilha silenciosa, num modelo de crescimento econômico pautado na aceleração do ciclo de acumulação do capital (produção-consumo-mais produção)

Entretanto, a lógica da sociedade capitalista precisa renovar estratégias que favoreçam a acumulação de capital uma vez que nem todos os produtos ficam avariados suficientemente rápidos como se deseja. Por isso, o outro tipo de obsolescência trabalhada em sala de aula foi a perceptiva, que nada mais é do que a formulação de necessidade imposta pela sociedade que leva os consumidores a trocarem seus produtos ainda que não estejam danificados.

A obsolescência, seja de qual tipo for, leva os consumidores à angústia por requerer que façam parte da sociedade que os mede em seu valor de consumo. O que leva ao outro tema trabalhado em sala de aula, a produção de lixo, uma vez que para produzir cada vez mais bens de consumo que sejam avariados rapidamente se produz mais lixo, os quais por sua vez dentro da lógica de atender as necessidades da sociedade capitalista não são direcionados à reciclagem.

Como afirma Padilha e Bonifácio (2013, s/n), “a sociedade do consumo visa atender às necessidades de acumulação do capital mais do que às necessidades básicas de seus membros. Se a satisfação de todos fosse realmente à finalidade do sistema produtivo, os bens seriam *reutilizáveis*”. Nesse sentido, há cada vez mais exploração dos recursos naturais e maior produção de lixo, ou seja, de produtos inutilizados que voltam à natureza causando outros problemas.

A primeira questão trabalhada em sala de aula foi o lixo. Considerando que chamamos a todos os resíduos recicláveis ou não de lixo, iniciamos nossos debates: O que seria o lixo? Por que o que era considerado lixo por alguns poderia ser utilizado por outros? E por meio dos questionamentos surgiu a ideia de observar a escola e o bairro e perceber se o que jogavam fora eram resíduos recicláveis ou não, se estavam colocando de forma separada ou o que chamasse a atenção e o olhar de cada um.

História do lixo

A fim de conhecer melhor os motivos pelos quais se tem ampliado as preocupações acerca da produção de lixo na sociedade atual, foi proposto, aos alunos do 7º ano, uma pesquisa histórica sobre a maneira como o lixo era tratado em diferentes épocas da humanidade. A partir dos resultados encontrados, foi realizado um debate com os discentes, os quais perceberam que ao longo da História a preocupação com o lixo nem sempre foi destaque na sociedade.

Segundo a história, os primeiros homens eram nômades e alimentavam-se da caça e da pesca e compunham-se de uma população minoritária em relação à atual. Quando a comida começava a acabar, o grupo mudava de região para região e seus lixos eram deixados para trás, ficando a cargo do meio ambiente o decompor sob a ação do tempo. Por meios de estudos arqueológicos é possível observar que o lixo produzido pelos primeiros agrupamentos humanos era quase em sua totalidade degradável podendo ser reabsorvido pela natureza sem problemas.

Durante a Idade Média, pesquisas identificam cidades europeias com ruas cheias de lixo. Segundo Magalhães (2002), não só na Idade Média, mas também na Idade Moderna é possível encontrar cidades onde “se jogava indiscriminadamente e diretamente nas ruas lixo, fezes e urina [...]. O odor era insuportável e criavam-se condições especiais para a proliferação de epidemias como a cólera”.

A percepção de lixo como um problema emergiu a partir do século XIX com a Revolução Industrial que instituiu no cotidiano das pessoas um novo patamar de produtos e tecnologias que demoram séculos para se decompor. Como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1. Tempo de composição de material

MATERIAL	TEMPO DE DE COMPOSIÇÃO
PAPEL	de 3 a 6 meses
PANO	de 6 meses a 1 ano
CHICLE TE	5 anos
FILTRO DE CIGARRO	5 anos
MADEIRA PINTADA	13 anos
NYLON	mais de 30 anos
LATA DE ALUMÍNIO	de 80 a 100 anos
METAL	mais de 100 anos
PLÁSTICO	mais de 100 anos
VIDRO	1 milhão de anos
BORRACHA	indeterminado

Fonte: <<http://www.restauranter.com.br/2010/03/tempo-de-decomposicao-de-materiais.html>>

É a partir do final da Primeira Guerra Mundial, com a incrementação do consumo de massa, que os resíduos sólidos domésticos passaram a ganhar destaque e grande visibilidade devido à quantidade e a complexidade da produção industrial. Esse problema é uma questão inevitável e está associada à transformação dos costumes, hábitos e comportamentos e à expansão industrial.

O sistema capitalista que domina e controla as nações, estimula o consumismo e com as propagandas quer levar a população a acreditar que quanto mais bens acumular, mais feliz será. Com isso, cresce a quantidade de produtos não degradáveis como plásticos e resíduos químicos. Assim com a intensificação do consumismo, produtos duráveis cedem lugar aos não duráveis.

A partir da década de 1980, um novo tipo de componente, quando descartado inadequadamente, tornou-se prejudicial ao meio ambiente: o lixo eletrônico. São computadores, telefones celulares, televisores e outros tantos aparelhos e componentes que, por falta de destino apropriado, são incinerados, depositados em aterros sanitários ou até mesmo em lixões gerando grande impacto no meio ambiente.

Assim, o lixo passou a ser visto como um grave problema ambiental e a reciclagem dele torna-se fundamental para conservação do meio ambiente, uma vez que “além de diminuir a extração de recursos naturais ela devolve para terra uma parte de seus produtos e reduz o acúmulo de resíduos nas áreas urbanas” (MAGALHÃES, 2002. p. 4).

Ao fim do debate em sala de aula, a turma observou que o tratamento do lixo deve ser considerado um problema de toda sociedade e não algo individual, sendo necessário, portanto, a sensibilização da população para o exercício da cidadania. Levar para escola esta discussão foi e continua sendo de vital importância para se refletir e buscar novas atitudes que contribuam para rever a relação entre o homem e a natureza.

Perspectiva teórica na escolha e uso das metodologias

Segundo Gadotti (2000, p. 85): “Um novo mundo globalizado e informatizado se apresenta e com ele muitas áreas como a educação tem de rever conceitos, métodos e quebrar paradigmas para suprir as demandas do ensino” e nesse sentido é que se evidencia a importância dessa proposta.

A educação é fundamentada em diferentes concepções que se apropriam de diversas metodologias para atender seus anseios. A interdisciplinaridade discutida e apresentada nesse estudo também está calcada numa concepção de educação, de forma crítica, baseada na realidade das/os estudantes e utilizando de novas tecnologias com o intuito de aguçar a curiosidade para que a construção do conhecimento individual e coletivo ocorra de forma prazerosa. Como afirma Rubem Alves

a curiosidade é a voz do corpo fascinado com o mundo. A curiosidade quer aprender o mundo. A curiosidade jamais tem preguiça! Por amor às crianças – e ao corpo – não seria possível pensar que o nosso dever primeiro seria satisfazer essa curiosidade original, que faz com que a aprendizagem do mundo seja um prazer? [...] O fato é que existe um descompasso inevitável entre os programas escolares e a curiosidade” (DIMENSTEIN; ALVES, 2005, p. 8-9).

Esse descompasso que justifica o uso encabulado do audiovisual em sala de aula e até mesmo da construção de projetos interdisciplinares, uma vez que nas escolas – e isso é intensificado nas escolas particulares como foi o caso abordado – é preciso cumprir metas do ensino. A escola em questão onde foi trabalhada a produção audiovisual como instrumento metodológico da aprendizagem segue a concepção de educação tecnicista.

Na concepção de educação tecnicista parte da perspectiva liberal que visa preparar o indivíduo para o desempenho de papéis – aptidões individuais. Assim como, prega que os indivíduos precisam aprender a se adaptarem aos valores e normas da sociedade de classe e, portanto ao contrário da formação de um estudante questionador forma um cidadão pacato a cumprir sua função de forma a serem competentes para o mercado de trabalho.

Entretanto, as professoras que trabalharam essa proposta desviaram-se dessa concepção, acreditando que a educação vai além da formação para o mercado de trabalho, utilizando em suas aulas a perspectiva progressista que parte da análise crítica das realidades sociais e prepara o indivíduo a pensar e agir, questionando valores e normas da sociedade de classe. Fundamentada na tendência pedagógica da Pedagogia Crítico social dos Conteúdos em que a escola é parte integrante do todo social e nesse sentido prepara a/o estudante para a participação ativa na sociedade.

Essas perspectivas e tendências servem como concepções filosóficas basilares no processo de ensino e aprendizagem que dão subsidio na prática das professoras em sala de aula, portanto “não se trata nem de partir do nada e nem de simplesmente aplicar no ensino

o saber científico; deve haver uma relação dialética entre esse saber e a realidade do aluno – daí o professor não ser um mero reproduzidor, mas um criador (VESENTINI, 2003, p. 44).

Partindo desse pressuposto teórico é possível perceber que a prática com as metodologias que serão apresentadas tem elementos que aguçam a curiosidade no aprendizado de forma participativa fazendo com que a relação professor-aluno expresse que as professoras são autoridades competentes que direcionam o processo ensino-aprendizagem, e são mediadoras entre conteúdos e estudantes (LIBÂNIO, 1985).

Reciclagem – metodologia de uso de jogo no computador

Pensando na sociedade de consumo que foi trabalhada, utilizou-se como metodologia levar os estudantes ao laboratório para uma atividade mais lúdica, realizando o jogo da reciclagem, chamado de “Reciclundo” em que é necessário colocar cada resíduo no seu local determinado para reciclagem. Esse jogo tem três níveis de dificuldade, começando com as lixeiras com diferentes cores e classificação, até o nível difícil em que já não há mais os nomes das classificações.

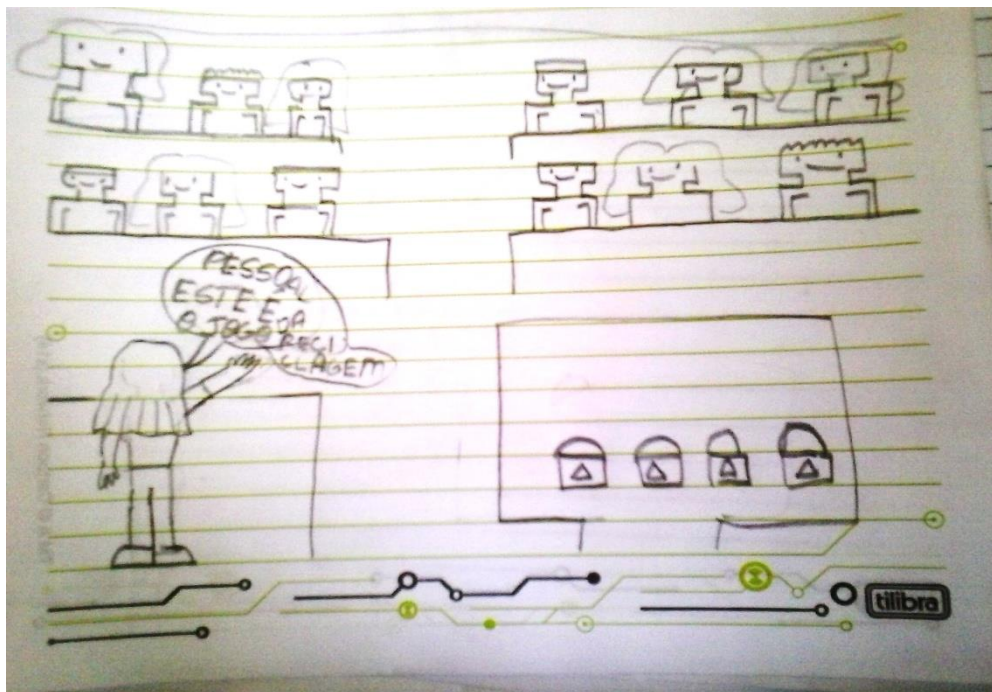
Segundo Serafim (2011, p. 15-16),

o que se vem afirmando na literatura e na experiência até aqui construída é que no cenário escolar integrado com vivências em multimídia, estas geram: a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir; a possibilidade de extensão da memória e de atuação em rede.

Portanto, a importância desse debate e do uso do laboratório não consiste apenas numa comunicação por diferentes meios, mas também variados ambientes de aprendizagem, que valorizam o papel do professor e encoraja os estudantes a construir redes de conhecimento. A realização dessa atividade faz com que os assuntos sejam facilmente aprendidos e retidos porque há envolvimento ativo no processo de aquisição do conhecimento (LÉVY, 1993).

Essa atividade foi muito importante para o aprendizado, visto que na avaliação do final do bimestre, uma das questões solicitava que os alunos fizessem um desenho que expressasse o momento de maior aprendizado e importância, e muitos destacaram a ida ao laboratório e o jogo, como é expresso nas figuras 1 e 2;

Figura 1. Jogo da reciclagem no laboratório da escola.

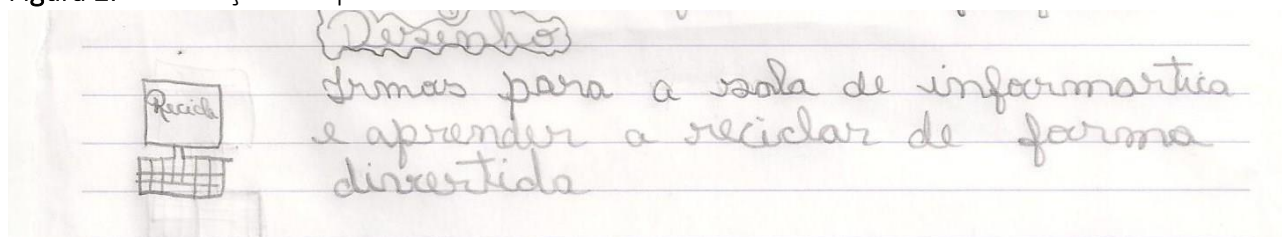


Fonte: Atividade de trabalho de avaliação bimestral, 7º ano, 2014.

Importante notar que neste desenho a configuração espacial ainda apresenta dimensões de sala de aula, entretanto nessa metodologia os estudantes não são receptáculos de conteúdos e sim primeiramente a professora explica a metodologia e cada um pode jogar de acordo com seu preparo, tempo e condição. Na imagem a criança projetou os corpos quadrados porque os alunos estavam atrás dos computadores, a professora ensinando o jogo e no quadro este estava sendo projetado.

Dessa forma o processo de aprendizagem se torna mais interativo, dinâmico e democrático, uma vez que todos têm a oportunidade de participar. A figura 2 apresenta um desenho que transmite como os discentes se sentiram nesse processo de aprender sobre reciclagem com o uso do jogo no laboratório.

Figura 2. A sensação de aprender brincando.

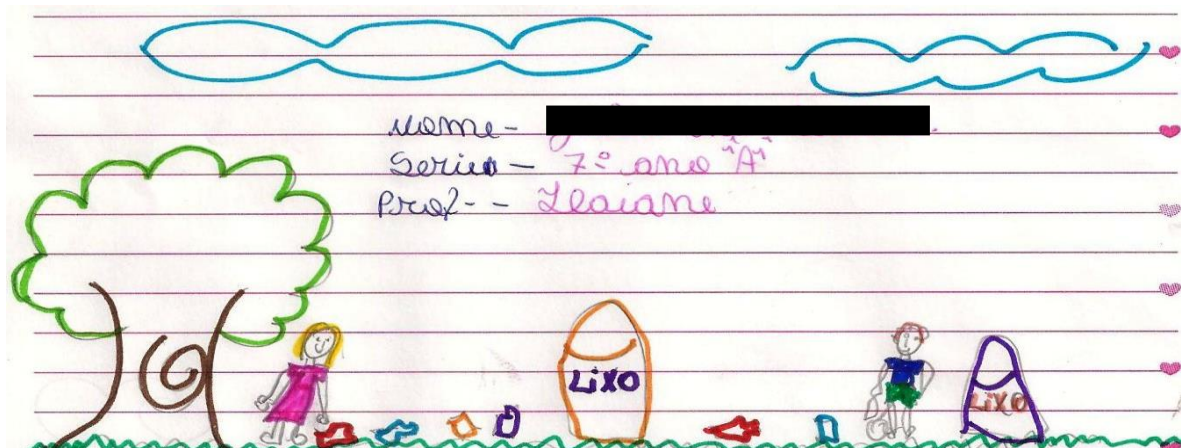


Fonte: Atividade de trabalho de avaliação bimestral, 7º ano, 2014.

O jogo foi parte da metodologia para interação entre as crianças e ocorreu como parte do propósito principal para a criação do vídeo. Nesse sentido, primeiramente foi construída a pesquisa, que não precisou ser somente a leitura do tema, pois o jogo também fez parte dela. Dessa forma acredita-se que a partir dessas metodologias até a construção do vídeo alcançamos também o desafio de formar um novo perfil de estudante, que utiliza as tecnologias a seu favor.

Por conseguinte, o aprendizado sobre reciclagem transpôs os limites da sala de aula, projetado na figura 3 como aprendizado para a realidade, e à vista disso, as educadoras que se propuseram a realizar esse tipo de metodologia pensaram também na realização da práxis, que envolve a teoria e a prática ocorrendo de forma simultânea.

Figura 3. Aprendizado para a prática.



Fonte: Atividade de trabalho de avaliação bimestral, 7º ano, 2014.

Todavia a práxis precisa ser exercitada e essa fundamentação serviu para que os alunos pensassem se reciclar o lixo iria resolver os problemas da sociedade, iria minimiza-los ou se não serviria para nada. Esses questionamentos causaram muita polêmica e foram relevantes para a compreensão da importância da reciclagem, e para o fato de que o modelo de sociedade capitalista não tem a intencionalidade de reaproveitar o que foi produzido.

Nesse caso, abre-se um precedente para a discussão da realidade no espaço da escola criando uma aproximação entre a troca de saberes, relação entre escola e suas práticas cotidianas. Assim, até mesmo a escola se torna refém do modelo capitalista, consumindo cada vez mais e sendo formada por meio de conteúdos e relações sociais mais

consumidoras, ao invés de cumprir a função de se apropriar dos recursos tecnológicos e questionar seu real papel na sociedade.

Reciclagem – metodologia de produção audiovisual

A estrutura escolar está em constante avaliação assim como as metodologias de ensino a fim de responder a necessidade de determinado momento histórico e de desenvolvimento da sociedade. Como afirma Serafim (2011, p. 18),

os meios de comunicação, informática, revistas, televisão, vídeo têm atualmente grande poder pedagógico visto que se utilizam da imagem e também apresentam conteúdo com agilidade e interatividade. Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem.

Dessa maneira, as professoras avaliaram e perceberam que havia possibilidade de interagir com a turma utilizando recursos que muitas vezes são inconvenientes e que causam diversos transtornos em sala de aula. Um deles é o uso de telefones celulares, em sua maioria conectados a todo tempo a internet, o que facilita as pesquisas, mas também a dispersão em sala de aula.

Para que os aparelhos deixassem de ser um empecilho para o bom andamento da aula, eles foram incorporados à metodologia o que auxilia na aproximação entre a realidade dos estudantes e a condição de aprendizagem, reconduzindo-os a um processo de ensino aprendizagem mais flexível, com o uso das tecnologias disponíveis. Com isso há um rompimento da distância do que é atual e atrativo daquilo que é necessário ser aprendido.

Para Serafim (2011, p. 21), “apesar de ser geralmente associada ao lazer e entretenimento a produção de vídeos digitais pode ser utilizada como atividade de ensino e aprendizagem com vasto potencial educacional”, que incorporou a interdisciplinaridade de forma efetiva, além de que a condição de produzirem o material da aula lhes trouxe responsabilidade e percepção de como funciona a educação.

Do mesmo modo Moran (2009, p. 2) defende que:

É possível criar usos múltiplos e diferenciados para as tecnologias. Nisso está o seu encantamento, o seu poder de sedução [...] Podemos fazer coisas diferentes com as mesmas tecnologias [...] cada tecnologia modifica algumas dimensões da nossa inter-relação com o mundo, da percepção da realidade da interação com o tempo e o espaço [...] Posso morar em um lugar isolado e estar sempre ligado aos grandes centros de pesquisa, as grandes

bibliotecas, aos colegas de profissão, a inúmeros serviços. Posso fazer boa parte ao trabalho sem sair de casa.

Nesse sentido, os meios audiovisuais como recursos tecnológicos no sistema de ensino podem facilitar e fortalecer o processo ensino e aprendizagem.

O trabalho de produção audiovisual foi dividido em três passos: pesquisa exploratória, elaboração de roteiro e gravação

O primeiro passo, foi realizada a pesquisa exploratória funcionou através de leitura, aula expositiva, jogo sobre reciclagem, que já foi abordado anteriormente, e também pesquisa em casa trazendo para a aula sua opinião sobre os diferentes temas abordados de maneira informativa. Ou seja, os alunos precisavam ler e pensar sobre o assunto, escrever sua opinião de forma que todos demais aprendessem com as observações em sala de aula.

O segundo passo foi a elaboração de roteiro, para isso dividiu-se a sala em grupos de 4 ou 5 estudantes e estes determinaram a intencionalidade do vídeo e como eles iriam alcançar esse objetivo. Uma vez que o vídeo era material para aula e seria cobrado como parte da avaliação, os roteiros deveriam apresentar o que é reciclagem, qual a sua importância e um exemplo de objeto cotidiano que pode ser aproveitado para reciclagem, ou seja, propostas.

Nesse sentido, o que importava mais não era o mero uso de vídeo, mas o processo educacional em sua totalidade, da formação do conhecimento à construção do vídeo. Para Ferrés (1998, p.10), “o vídeo torna-se muito mais que uma simples tecnologia. Para a escola ele é um desafio”, visto que é utilizado ainda pelos professores de forma encabulada, como parte de um assunto quando de forma a complementá-lo principalmente se apresenta um vídeo.

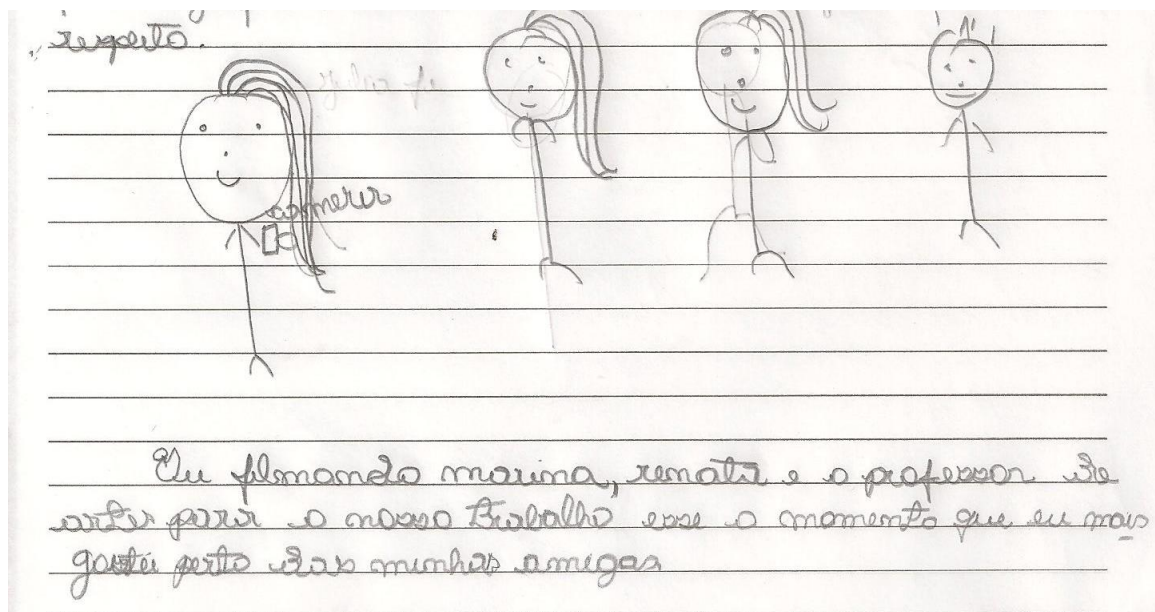
Nessa iniciativa partiu-se do princípio que os estudantes teriam que saber o que é um plano de aula para, a partir disso, pensar na dificuldade de elaboração de uma que observe as necessidades de aprendizado, o que os levaria a também valorizar as aulas programadas. Assim o vídeo se tornou, além de transmissão de conteúdo de ensino, em um meio de expressão, em que cada grupo poderia discorrer sobre a temática da reciclagem de acordo com suas reflexões.

Os roteiros que tiveram início, meio e fim, ou seja, proposta, situação e desfecho foram concretizados pelos grupos de forma muito pertinente e produtiva, expressados na gravação dos vídeos que, embora estejam numa qualidade de imagem de baixa resolução

para uma produção audiovisual, se tornaram frutuosos no sentido do aprendizado. Em relação ao uso dos aparelhos celulares, essa atividade ressignificou-os desenvolvendo o prazer do uso e também um sentido educativo quanto a sua utilização em sala de aula.

A elaboração do roteiro foi relevante nesse processo, visto que houve um despertar para a interdisciplinaridade do assunto, e assim os estudantes entrevistaram outros professores, como a professora de português e o professor de artes, que colaboraram na construção do vídeo e também no incentivo e auxílio à pesquisa, assim como tornando a atividade agradável, como mostra a figura 4.

Figura 4. Diversão e aprendizado



Fonte: Atividade de trabalho de avaliação bimestral, 7º ano, 2014.

O uso do vídeo apresentou uma possibilidade de interação com os estudantes e de expressão artística e educacional bastante produtiva. Para Serafim (2011, 21):

as teorias e práticas associadas à informática na educação vêm repercutindo em nível mundial, justamente porque as ferramentas e mídias digitais oferecem à didática, objetos, espaços e instrumentos capazes de renovar as situações de interação, expressão, criação, comunicação, informação, e colaboração tornando-a muito diferente daquela tradicionalmente fundamentada na escrita e nos meios impressos

A realidade material de cada estudante lhe projeta uma consciência e vivência diferenciada, portanto ao trabalhar em grupo, com debates e elementos da realidade, se

tornou muito construtivo para que eles pudessem conhecer melhor a si mesmos e uns aos outros. A construção do vídeo auxiliou no processo de romper com as paredes da sala de aula, levando-os a serem responsáveis pela construção do seu próprio conhecimento.

Processo de avaliação: resultado do trabalho

Ao final do bimestre as/os estudantes apresentaram seus vídeos que estavam compostos de três partes, sendo elas a apresentação da pesquisa feita pelo grupo, entrevista com um ou uma colega da escola e depois com um/a professor/a ou com outras pessoas da comunidade, como no caso de um grupo que entrevistou o senhor que recolhia os resíduos na escola para serem reciclados, num tempo entre 3 e 5 minutos.

Os vídeos demonstraram o interesse e participação da turma, uma vez que por ser uma atividade prazerosa muitos estudantes se envolveram na pesquisa, na produção, na elaboração e até mesmo na edição dos vídeos. Alguns grupos construíram brinquedos e artefatos como porta lápis e porta-retratos com produtos recicláveis para apresentar nos vídeos e na sala de aula já sensibilizam uns aos outros quanto ao papel de caderno que iam jogar fora ou mesmo questionando porque na sala de aula só tinha um lixeiro.

A professora de português contribuiu no trabalho auxiliando na escrita dos textos que iriam falar nas gravações e o professor de artes foi um dos entrevistados fazendo um trabalho com a produção de bonecos construídos com material reciclado, principalmente jornais e papéis. Alguns pais e avós também foram protagonistas ensinando até mesmo como fazer sabão em pedra reciclando o óleo de cozinha o que as alunas do grupo trouxeram para presentear a turma, como mostra a figura 5.

Figura 5. Sabão em pedra feito com óleo de cozinha usado



Fonte: atividade de trabalho de avaliação bimestral, 7º ano, 2014.

O processo de avaliação foi realizado de forma permanente e contínua, entendendo que avaliando as/os estudantes avaliam-se também as professoras e dessa forma pode-se comprovar o progresso das/os estudantes durante o bimestre. Nesse sentido, foi possível perceber que o objetivo proposto foi alcançado através da demonstração de aprendizado sobre o consumismo na sociedade capitalista, a produção de lixo e a necessidade da reciclagem.

De forma crítica, que não somente a reciclagem acabaria com os problemas ambientais e sociais, mas que ela é uma possibilidade possível e necessária. Ainda que as crianças estejam sendo bombardeadas de propagandas elas perceberam que existem muitas coisas que são necessidades construídas e que de fato não necessitamos e sim queremos. Os vídeos foram apresentados como aulas curtas de 15 minutos para cada grupo para que eles tivessem a experiência de ser professor/a e também entender como é difícil está sendo o centro das atenções.

O esforço da prática docente a partir de uma pedagogia baseada na tendência Crítico Social dos Conteúdos está em propor modelos de ensino voltados para a interação conteúdos- realidades sociais, que compreende a educação como meio para transformação das relações de produção e com isso das relações sociais. A figura 6, retirada de um dos vídeos apresenta a construção de um dos bonecos com papel que foi jogado no lixo da própria sala de aula, o que nos leva a compreender que houve aprendizado das/os estudantes, pois foi uma escolha de cada grupo o que deveria ser filmado ou utilizado.

Figura 6. Confecção de bonecos de papel reciclado



Fonte: Atividade de trabalho de avaliação bimestral, 7º ano, 2014.

A avaliação demonstrou que as/os estudantes se reconheceram nos conteúdos, uma vez que todas/os contavam algo de sua experiência, como a figura 6 apresentou, o papel que foi jogado fora pôde ser reciclado, a brincadeira de bolinha de papel na sala de aula como uma coisa ruim porque destrói muitas árvores, e como eles podem se divertir usando coisas simples que seriam jogadas fora.

Essa prática interdisciplinar e interacionista são apresentadas na LDB de nº9394/96 em que revalorizaram-se as ideias de Piaget, Vygotsky e Wallon, que são pensadores que concebem o conhecimento como resultado da ação entre sujeito e objeto e da interação entre ambos. Assim também respondemos os anseios da escola (como dito anteriormente que se baseia na tendência da pedagogia tecnicista) do aprender fazendo.

Referências

- ARAÚJO, A. C. B.; LIMA, W. M. C. Maciel de Araujo. **Políticas públicas: lixo e cidadania para um desenvolvimento sustentável**. Monografia de Pós-Graduação. Recife, 2008.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- EIGENHEER, E. M. **Lixo, Vanitas e Morte: Considerações de um observador de resíduos**. Niterói: EduUFF, 2003.
- FERRÉS, J. **Pedagogia dos Meios Audiovisuais e Pedagogia com os Meios Audiovisuais**. In: SANCHO, J. (Org.). Para uma Tecnologia Educacional. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 127-155.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.
- MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.
- MORAN, J. M. **Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção**. Entrevista publicada no portal do professor do MEC em 06.03.2009. Entrevista concedida a Renata Chamarelli e Fátima Schenini).
- MORAN, J. M. Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 126, p. 24-36. Disponível em: <C:\Users\Maria\Desktop\maria materia refe 13010 2011\Novas tecnologias e o reencantamento do mundo.mht>. Acesso em: 14 mar. 2014.

PADILHA, V.; BONIFÁCIO, R. C. A. Obsolescência planejada: arma estratégica do capitalismo. **Le Monde Diplomatique**, 02 de Setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1489>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **Geografia e vídeo: diálogos e vivências na educação básica e superior**. Uni-Pluri/Versidade, Vol.8, nº 2, 2008.

SERAFIM, M. L. **Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar**. In: SOUSA, R. P de; MOITA, F. M. C. da S. C; CARVALHO, A. B. G. (Orgs.). *Tecnologias digitais na educação*. Eduepb. Campina Grande, Paraíba, 2011.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. . *A geografia na sala de aula*. 5 ed. Contexto, São Paulo, 2003.

DIMENSTEIN, G.; ALVES, R. *Fomos maus alunos*. 7 ed . Papyrus, Campinas, São Paulo, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo, Edições. Loyola, 1985.

Recebido em 21 de maio de 2014
Aceito em 21 de novembro de 2014